

NOTAS SOBRE O LATIM NO BRASIL

*Vieira:
leitor dos classicos*



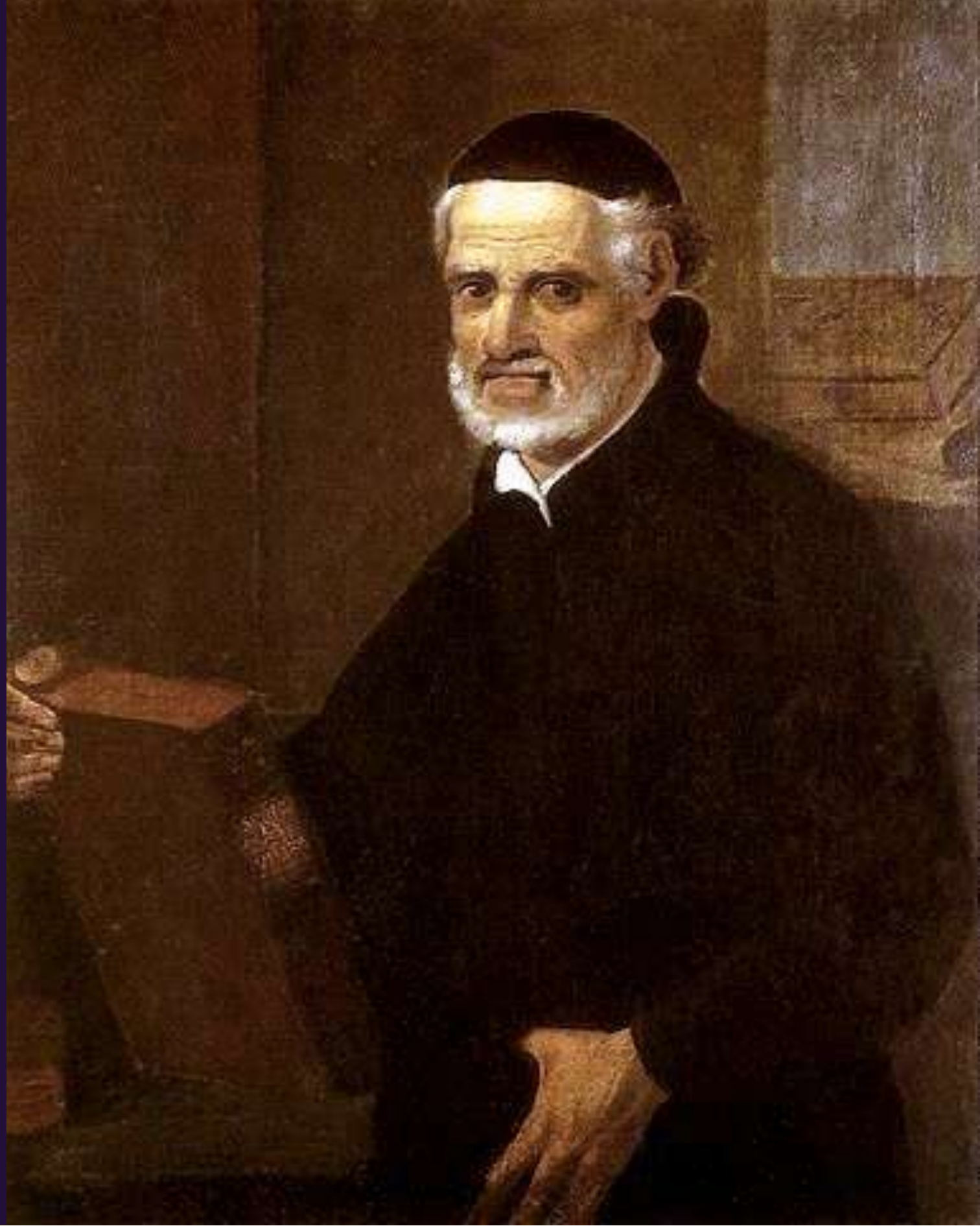
LATINĪTAS:
Uma introdução à língua latina através dos textos



NALPE
NÚCLEO DE ANTIGUIDADE
LITERATURA, PERFORMANCE E ENSINO

Vieira: leitor dos clássicos

Retrato de Antônio Vieira,
José Rodrigues Nunes (1800 – 1881)



Vieira: leitor dos clássicos

Em o *Perfil do Leitor Colonial*, ao analisar o século XVII, Araújo (1999, p. 49-50) se inquieta em relação ao desconhecimento dos livros existentes no Brasil dos seiscentos. Admite que deveria haver livros em nossas terras, mas se pergunta: “Que livros seriam esses? Nenhum historiador de nossa cultura arrisca traduzir com segurança – por absoluta carência de documentos a respeito – um sentido orgânico da leitura brasileira no século XVII.” Nessa tentativa de encontrar algumas respostas, Araújo busca algumas fontes, entre as quais, o livro do Fr. Manuel Calado, de 1647: *O valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*. O livro apresenta acontecimentos ocorridos entre os anos de 1634 a 1637. Em passagens do livro, Araújo observa trechos e citações, entre os latinos, de: Ovídio, Virgílio, Túlio, Tácito, Lívio, Marcial. Para Araújo, essas citações insinuam “a leitura desses autores” (p. 51).

Em busca de outras fontes, encontramos, em sermões de Vieira (1608 – 1697)¹, referências a autores que, dada a forma com que alguns trechos são citados, certamente foram lidos no período, ao menos por aqueles que, como Vieira, tiveram uma formação privilegiada:

Quando Ovidio estava desterrado no Ponto, hum seu amigo trazia-o retratado na pedra do anel; mas elle mandou-lhe os seus versos, dizendo que aquelle era o seu verdadeyro retrato. *Grata tua est pietas, sed carmina maior imago, sunt mea, quae mando.* (p. 420 - 421)

Logo em seguida, cita Sêneca, articulando as referências do filósofo latino com as ideias que irá apresentar a partir de Santo Agostinho:

Sêneca quando lia as cartas de Lucilio, diz que o via: *Video te mi Lucili, cum maxime audio.* E melhor Autor que estes, S. Agostinho, disse altamente, que em quanto não vemos a Deus em sua própria face, o podemos ver como em imagem nas suas Escrituras. (p. 421)

¹ *Sermoens do P. Antonio Vieira – Volume 01 .*

O Pe. João Pereira, do Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, de Portugal & Brasil, nas *Exhoraçãoens domesticas feytas nos collegios, e cazas da Companhia de Jesus* (1715), Exhortação XIII – *De como seha de escrever*, nos dá pistas de algumas possíveis leituras ocorridas no período. Na página 193, assim se coloca, trazendo Horácio, em sua famosa ode “*Exegi monumentum aere perenius*”:

... as vozes da lingua, como qualidade transeunte, passaõ, & como ar, não duraõ: as vozes da escriptura, como sejaõ permanentes, sempre duraõ, & com o tempo não acabaõ: na duraçaõ compete com os bronzes; & quanto pode, faz parallelo com a eternidade: *Exegi monumentum aere perēnius*.

Mais à frente, às páginas 198 e 199, o Sermão de Vieira é retomado na citação de Ovídio:

Hum amigo de Ovidio, quando estava desterrado no Ponto, pello não perder de vista, o trazia debuxado na pedra de hum anel; mas Ovidio, por se fazer mais presente, lhe mandou um retrato mais ao vivo, & mais expresso, & foi a escriptura a seos versos: *Grata tua est pietas, sed carmina maior imago Sunt mea...*”

Na sequência, à página 199, como no sermão de Vieira, cita Sêneca: “E Seneca, quando lia as cartas de Lucilio, diz, que o via: *Video te Lucili, çu maxime audio*”. Ainda se refere a um “*Juvenal Satyrico*”.

Em Vieira, ainda no primeiro volume dos Sermões, encontramos referência a autores cômicos latinos, quando fala das pregações do tempo em que ele vive como fábulas, fingimentos, sem fundamento de verdade. Para ele, o pregador sobe ao púlpito como comediante. Traz um dado interessante sobre a permanência do gênero: “Hua das felicidades, que se contava entre as do tempo presente, era acabaremse as comedias em Portugal; mas não foi assi. Naõ se acabàraõ, mudaraõse: passaraõse do theatro ao pulpito” (p. 74). Ainda assim, valoriza os conteúdos das comédias clássicas, citando Plauto, Terêncio e Sêneca, este último escritor de tragédias²:

Tomàra ter aqui as comedias de Plauto, de Terencio, de Seneca, & verieys senaõ achaveis nellas muytos desenganos da vida, & vaidade do mundo, muytos pontos de doutrina moral, muyto mais verdadeyros, & muyto mais solidos, do que hoje se ouvem nos pulpitos (*Sermão da Sexagésima*, p. 74).

Ainda cita Sêneca, à página 1045, em carta a Lucílio. No texto de aprovação ao livro de Vieira, escrito pelo Frei João da Madre de Deus (examinador para efeitos de censura), também há uma referência do Frei a Plínio, que citamos abaixo, ainda que longa, dada a forma como o Frei avalia o estilo de Vieira a partir de Plínio:

Digo pois de cada hum destes Sermoões o que disse Plinio no 2º livro das suas Epistolas Ep. 3. *Proemiatur aptè narrat apertè, pugnat acriter, colligit fortiter, ornat excelsè*. Começa com energia viva, que atrahê; prosegue com claridade singular, que deleyta; prova com viveza grave, que admira; recolhe com variedade eloquente, que ensina; adorna com excellencia sentenciosa, que suspende: & o que he mais difficultoso *Postremò docet, delectat, afficit*. Diverte como se não advertisse; ensina como se não recreasse; deleyta como se não reprehendesse; proveyta como se não deleytasse (Páginas iniciais do Livro de Sermões. Primeira Parte).

² O texto de Sêneca que mais se aproxima de uma comédia (em sentido lato) é a *Apocolocintose do divino Cláudio*, uma reação ao exílio que sofreu por ordem do *princeps*. Na verdade, a *Apocolocintose* é uma sátira menipeia, por mesclar prosa e verso, no estilo do sério-cômico (SILVA, 2008).

No segundo volume dos Sermões, encontramos, no *Sermão da Gloria de Maria Mãe de Deos*, novas referências a Sêneca: “Comecemos pelos Filósofos: Poem em questão Seneca; & disputa sutilissimamente no livro terceyro dos cinco que intitulou de Beneficijs, se pòde hum filho vencer em algum beneficio a seu pay?” (§ III, p. 31). Em seguida, Ovídio, em relação às *Metamorfoses*: “Faz paralelo Ovidio entre os dous primeiros Cesares, Julio, & Augusto, aquella Pay, & este Filho: & depois de assentar, ã a mayor obra de Julio Cesar, foy ter hum tal Filho como Augusto” (p. 32).

No terceiro volume dos Sermões, no *Sermão do Bom Ladram*, Sêneca reaparece: “Quando li isto³ em Seneca, não me admirey tanto de que hum Filosofo Estoico se atrevesse a escrever ãua tal sentença em Roma, reynando nella Nero” (p. 326).

No Sermão de Santa Catherina, no mesmo volume, Tito Lívio é citado, quando Vieira narra o desafio dos tres Horácios Romanos contra os tres Coriácios Albanезes: “... ficou com a inteira vitória Tito Lívio, & os outros Historiadores Romanos celebraõ muito esta façanha, dizendo, que o terceiro Horacio venceo aos tres Coriacios; mas não dizem bem. Venceo por tres vezes a cada hum, mas não venceo a todos tres”⁴ (p. 259).

Lopes-Cardoso (2008, p. 78) acentua o acesso livre de Vieira a escritores e poetas pagãos. Para ela, assim como observamos nas referências pelo próprio padre em seus sermões, ele era leitor de, entre os autores latinos, Ovídio, Sêneca, Cícero e outros, além dos autores cristãos. Seu alicerce formativo, segundo Lopes-Cardoso, “apesar dos obstáculos impostos pela censura e pelas limitações quer das autoridades eclesiásticas quer das civis, a autores cristãos e não-cristãos” está na biblioteca do Colégio dos Jesuítas de S. Salvador da Baía, frequentada por Vieira.

³ Em latim, a citação de Sêneca, seguida da tradução de Vieira: “Se o Rey de Macedonia, ou qualquer outro fizer o que faz o ladraõ, & o pirata, & o Rey, todos tem o mesmo lugar, & merecem o mesmo nome”.

⁴ O desafio consta do seguinte: “dous Coriacios mataraõ dous Horacios, & o terceiro Horacio que ficou, matou aos tres Coriacios: mas como?”

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Salvador: UFBA, Ilhéus: UESC, 1999.

LOPES-CARDOSO, Maria Manuela. *António Vieira pioneiro e paradigma de Interculturalidade*. Lisboa: ACIDI, I.P., 2008.

PEREIRA, Pe. João. *Exhoraçãoens domesticas feytas nos collegios, e cazas da Companhia de Jesus*. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1715.

SERAFIM LEITE, S.I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. t. 1 (Século XVI – O Estabelecimento). Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938a.

SERAFIM LEITE, S.I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. t. 2 (Século XVI – A Obra). Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938b.

SILVA, Frederico de Souza. *Apocolocintose do Divino Cláudio: tradução, notas e comentários*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2008.

VIEIRA, Antonio. *Sermoens do P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesu...* Primeira Parte. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1679.

VIEIRA, Antonio. *Sermoens do P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesu...* Segunda Parte. Lisboa: Officina Miguel Deslandes, 1682.

VIEIRA, Antonio. *Sermoens do P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesu...* Terceira Parte. Lisboa: Officina Miguel Deslandes, 1683.

